

## O SÉCULO XIX E OS INÍCIOS DA EDIÇÃO DE ROMANCES NO BRASIL: BREVE ESTADO DA QUESTÃO

BRUNO BELMONTE<sup>1</sup>

CIAC - Universidade do Algarve  
bbelmonte@ciac.pt

### RESUMO

A edição de romances tradicionais ibéricos se inicia no Brasil em meados do século XIX, sob inspiração de pesquisadores portugueses como Almeida Garrett e Teófilo Braga. Partindo de um texto de Bráulio do Nascimento que analisa, no ano do centenário das primeiras edições, o contexto da chegada e desenvolvimento das pesquisas deste género poético tradicional, pretendemos contribuir com novos elementos para uma análise deste momento pioneiro. As principais obras que publicaram romances tradicionais recolhidos no Brasil, no século XIX, são de Celso de Magalhães e Sílvio Romero. A partir de uma análise histórica e epistemológica, tencionamos compreender a produção destes intelectuais inserida no momento em que a consolidação de um fenómeno nacional, que abrangeu aspetos sociais, culturais e raciais, foi a tónica do pensamento científico. A partir desta análise, podemos refletir sobre as convergências desta conceção teórica com o estudo do romanceliro do Brasil, bem como levantar alguns dados a partir da comparação das edições portuguesas e brasileiras deste período.

**PALAVRAS-CHAVE:** Romanceliro ibérico; Tradição oral brasileira; Pensamento social; Século XIX.

### ABSTRACT

The editing of Pan-hispanic ballads began in Brazil in the early 19th Century, inspired by Portuguese researchers such as Almeida Garrett and Teófilo Braga. Based on a Bráulio do Nascimento's study which, in the centenary year of the first editions, analyses the context of the beginning and first developments of the researches on this important folk poetry, we intend to contribute with some new elements to an analysis of this pioneering moment. The main works that published traditional ballads collected in Brazil in the nineteenth century belong to Celso de Magalhães and Sílvio Romero. We seek, from an historical and epistemological approach, to understand the production of these intellectuals set at the moment of the consolidation of a *national phenomenon*, encompassing social, cultural and racial aspects, which were the keynote of the scientific thought. From this analysis, we will be able to reflect on the convergences of this theoretical conception with the study of the Pan-hispanic ballads from Brazil, as well as compare the Portuguese and Brazilian editions of this period.

**KEYWORDS:** Pan-hispanic balladry; Brazilian oral tradition; Social theory; 19th Century.

---

<sup>1</sup> Este trabalho é fruto das investigações desenvolvidas no âmbito da bolsa de doutoramento UI/BD/150775/2020 da FCT e do Fundo Social Europeu, através do Programa Operacional Regional do Norte (NORTE 2020), Programa Operacional Regional do Centro (Centro 2020) e do Programa Operacional Regional do Alentejo (Alentejo 2020).

## INTRODUÇÃO

O sesquicentenário do início dos estudos do Romanceiro Tradicional do Brasil comemora-se em 2023. A menos de dois anos da data, parece oportuno tentar fazer um balanço de como se deu o início e o desenvolvimento das edições deste gênero no território brasileiro.

Motivado pela efeméride, cremos ser de importante contribuição regressar a uma reflexão acerca do panorama histórico que permeou o estabelecimento das bases teóricas da edição do romanceiro brasileiro, insuficientemente sistematizada. Deste modo, pretende-se compreender o contexto em que se inicia do interesse pelo romanceiro ibérico no Brasil, ainda no século XIX, e como estes estudos estabeleceram as bases para as etapas de edições que se desenvolveriam nos quase 150 anos seguintes. E, para tal, tomamos como ponto de partida para esta reflexão um breve artigo daquele que talvez seja o maior investigador do romanceiro brasileiro, Bráulio do Nascimento.

Este autor possui uma notável contribuição para o desenvolvimento e para o estudo do gênero, e é um dos nomes responsáveis pela inovação das pesquisas da balada peninsular na segunda metade do século XX (Ferré, 2008, p. 73), principalmente no que diz respeito à metodologia comparativa e aos resultados obtidos a partir dos seus “processos de variação dos romances” (Ferré, 2020, pp. 62-63).

A publicação com a qual aqui dialogamos aqui é um pequeno escrito intitulado *Um século de Pesquisas do Romanceiro Tradicional no Brasil*, publicado em 1973, que apresenta a chegada do interesse pelo gênero no século XIX, com Celso de Magalhães e Sílvio Romero, e avança ao século XX, de onde escreve e de onde observa o desenvolvimento dos estudos. Em sua análise, o autor se debruça principalmente em dados quantitativos e estatísticos, seguindo a perspectiva dominante no período em que escreve.

Nesta obra, identificamos uma preocupação de, ainda que brevemente, analisar e contextualizar a edição e estudo do corpus do romanceiro ibérico no Brasil, abordagem esta que não é vulgarmente identificada, sendo por vezes até negligenciada. Este fato, aliado a outros pontos, tais como os conflitos advindos do pensamento social que traspassam essas décadas, parece inclinar este nosso objeto a uma certa marginalidade.

Diversas são as produções que se dedicam ao *corpus* do romanceiro brasileiro. Num estudo recente (Belmonte, 2020, pp. 36-61), hoje em atualização, foi realizado um levantamento bibliográfico que identificou cerca de 214 edições de romances. Estas em impressos que vão de 1873, com o artigo “Poesia Popular Brasileira de Celso de Magalhães”, a 1996, com o *Romanceiro Ibérico na Bahia*, de organização de Doralice Fernandes Xavier Alcorofado e María del Rosario Suárez Albán. Porém, contamos com raríssimos estudos de caráter historiográfico sobre o movimento de recolha e edição do romanceiro ibérico neste país.

Nesse sentido, podemos considerar que há diferenças significativas entre a orientação dada ao estudo e edição do romanceiro brasileiro entre os séculos XIX e XX. É nesta concepção que se fundamenta o diálogo com a obra de Nascimento. Há, no século XIX, uma visão engendrada na construção do fenômeno nacional, como abordaremos adiante, que se

objetivam nas obras que compilam romances neste período a preocupação de descrever as bases teóricas vigentes que ligavam a História da Literatura com a construção do pensamento nacional.

Embora não nos detenhamos aqui sobre este aspeto, chama-nos a atenção que, em contraposição, durante o século XX, as concepções científico-sociais passem por fases mais heterogêneas, que se refletem nas obras que editam o romanceiro tradicional ibérico. Porém, raramente encontramos obras vocacionadas para a metodologia de recolha ou teoria de análises, como *Processos de variação do romance* (1964), do próprio Nascimento. Quanto muito, encontramos algumas publicações que dedicam um breve paratexto introdutório, uma nota ou um prefácio, que ajudam a clarificar a visão sobre o assunto, como vemos em *Presença do romanceiro* (1967), de Antônio Lopes, e *O folclore em Sergipe* (1977), de Jackson da Silva Lima.

Muitas destas obras ostentam vocação folclorista, como fez, ainda em 1908, Francisco Augusto Pereira da Costa, com *Folk-lore pernambucano*. Menor atenção tem sido dada, porém, à análise das estruturas textuais (semioticistas) ou a abordagens filológicas, como a geografia folclórica pidalina, por exemplo.

Salientamos, também, a necessidade de um estudo mais profundo que permita situar estes pesquisadores no pensamento científico e epistemológico vigente no período em que produziam. Não nos podemos esquecer que os editores assumem sempre um protagonismo ideológico na relação que estabelecem com o romanceiro.

Assim, com este estudo, propomos uma análise da etapa inicial da edição do romanceiro tradicional no Brasil sob um prisma historiográfico, com a brevidade que se exige. Debruçamo-nos aqui sobre o contexto do pensamento social que permeou a produção editorial do romanceiro no século XIX no Brasil, a fim de compreender as bases através das quais se veio a desenvolver esta produção, e, futuramente, possibilitar relacionar com os movimentos técnico-científicos e com os debates epistemológicos que, ao longo dos anos seguintes, contribuíram, ou por vezes atrapalharam, o desenvolvimento do estudo e das edições do romanceiro de matriz ibérica no Brasil.

#### AS EDIÇÕES BRASILEIRAS DE ROMANCES NO SÉCULO XIX

O romanceiro ibérico é um género poético que remonta à Idade Média e que teve notável popularidade durante o século XVI, período que coincide com a expansão ultramarina. Deste modo, esta expressão viajou pelo mundo acompanhando os navegadores e os colonizadores, tendo encontrado no território brasileiro um ambiente fértil, onde o género se popularizou e perpetuou.

É evidente que, vivendo da transmissão oral e da mnemónica, o romanceiro tradicional passaria, ao longo destes séculos, por adequações e transformações, quer seja na forma quer seja na designação. Na forma, alterando métrica, rima, discurso, intriga e até fábula. Na designação, como sucede quando designam de romance expressões tipicamente locais no Brasil que não coincidem com o conceito do romance tradicional ibérico<sup>2</sup>. Em contrapartida, encontraram-se também diversas versões muito bem preservadas, muitas até próximas às variantes portuguesas, como pudemos conhecer a partir dos trabalhos de fixação iniciados ainda no século XIX.

---

<sup>2</sup> Compõe este *corpus* de expressões poéticas tais como o *cancioneiro tradicional*, *canções folclóricas* como as de Bois, ou *Abecês* —bastante populares e que merecem um estudo à parte—. Mas nenhuma destas conflui nesta investigação por não se relacionarem com a tradição da poesia narrativa ibérica, sobre a qual se debruça este estudo.

Esta produção editorial tem início no Brasil por influência direta do movimento começado em Portugal. Nascimento (1973) refere que na altura do pioneiro estudo brasileiro, publicado em 1873 por Celso de Magalhães, já circulavam pelo país duas coletâneas de referência: “*Romanceiro*, de Almeida Garrett, de 1847 [sic], e *Romanceiro Geral*, de Teófilo Braga, de 1867” (Nascimento, 1973, p. 38)<sup>3</sup>.

#### REPRESENTAÇÕES DO ROMANTISMO

Diferentemente de Portugal, os estudos do romanceiro no Brasil não tiveram um grande representante do pensamento romântico, como foi Almeida Garrett, e a gênese da edição se dá com representantes do pensamento cientificista, com alguma influência do positivismo, que conheciam a importância pioneira do português Almeida Garrett, mas viam Teófilo Braga como uma inspiração direta à metodologia de trabalho.

O historiador e folclorista Salles (1971, p. 85) alega que o corpo crítico do Romantismo brasileiro, por acreditar que naquele momento ainda não se tinham as tradições populares nacionais amalgamadas e estabelecidas, não se dedicou a estudos mais profundos acerca da literatura nacional ou do folclore. O foco deu-se mais na construção de narrativas, como escreve o autor:

De início porém a atitude romântica não se propunha a estudar o complexo cultural existente, mas a retirar do seu contexto figuras representativas, personagens ideais, o que representou para as Américas, o Brasil em particular, na supervalorização do indígena, dentro da concepção rousseauiana do “bom selvagem” (Salles, 1971, p. 85).

Isto não quer dizer que não tenha havido influência da obra e da metodologia de Almeida Garrett entre os românticos brasileiros. A “conexão entre interesse do público, tradição popular e passado nacional” (Nunes, 2020, p. 89), tratada no prefácio de *Adoçinda*, de 1828, ecoou entre a intelectualidade brasileira, mas, especificamente quanto aos romances, que, como preconizou Garrett, “poderiam tanto atuar como elos de ligação [sic] com as origens poéticas como servir (...) de ponto de partida para novas criações” (Nunes, 2020, p. 90), não ocorreu da mesma forma.

O poeta Joaquim Manuel de Macedo publicou, em 1857, o “poema-romance” *A nebulosa* (Nunes, 2020, p. 98), uma criação própria inspirada na balada romântica. Em outro caso, José de Alencar divulga, em 1874, a fusão de cinco versões de um “romance nacional de vaqueiro” num único texto, intitulado *Rabicho da Geralda*<sup>4</sup>, inspirando-se no método editorial interventivo de Garrett (Nascimento, 1973, p. 38). Desse modo, podemos até dizer que se encontram romances-balada, enquanto gênero poético, porém, em nenhum destes casos identificamos representações de romances tradicionais de origem ibérica.

Vale reiterar que há significativa inconsistência nas designações das caracterizações dos romances no Brasil. Assim, se confunde com alguma frequência o gênero romance, enquanto forma poética, com os romances tradicionais (restrição temporal e poética), e os romances

<sup>3</sup> Cronologicamente, não se pode excluir a possibilidade de terem chegado ao Brasil outras obras como os *Cantos Populares do Archipelago Açoriano* de Teófilo Braga (1869), ou, em potência, o *Romanceiro do Algarve*, de Estácio da Veiga (1870). Contudo, detenho-me sobre as supracitadas no estudo comparativo.

<sup>4</sup> Esta versão também se encontra publicada nos *Cantos populares do Brasil*, de Romero (1883, pp. 72-79).

ibéricos (restrição geográfica, em contraposição com aqueles produzidos no território brasileiro).

#### PRIMEIRAS EDIÇÕES

Em primeiro lugar, vale ressaltar dois documentos que contêm a edição de romances ibéricos e que, pelo seu pioneirismo, são dignos de registo. O primeiro deles, um manuscrito atribuído a Inácio Raposo, foi trazido a público em meados do século XX (Nascimento, 1973, pp. 42-43), ainda que fragmentado, nos *Anais do 1º Congresso Brasileiro de Folclore*. O manuscrito continha o que seria supostamente a primeira recolha de romances no Brasil e, uma vez que o caderno é datado de 1853, esta obra seria anterior ainda à de Teófilo Braga (Fontes, 1994, p. 221).

A despeito de ter permanecido inédito, analisar este caderno seria de fundamental importância e traria, potencialmente, elementos para compreender um momento ainda mais recuado cronologicamente. Todavia, esta obra não será objeto deste estudo, uma vez que ainda não se fez possível aceder aos textos, devido à raridade da publicação que transcreve os textos romancísticos de Inácio Raposo. Seguimos, portanto, o que descreve Braulio do Nascimento acerca deste manuscrito, listando oito versões de romances que estariam presentes nos fragmentos encontrados (Nascimento, 1973, p. 43)<sup>5</sup>.

Há também outra recolha bastante icônica, realizada nos fins do século XIX por José Veríssimo numa incursão na floresta amazônica, a fim de investigar a poesia popular e o folclore nacional no Estado do Amazonas. Desta pesquisa de campo, encontramos num pequeno trabalho “em que nos fala das danças e de alguns cantos dos índios Maué (...) o fragmento da Nau Catarineta<sup>6</sup>” (Salles, 1971, p. 94)<sup>7</sup>.

Devido ao empecilho de acesso à primeira, e ao facto de a segunda possuir apenas uma versão de caráter anedótico, focar-nos-emos nos estudos de recolha e edição que marcaram esta fase inicial, pela mão de Celso de Magalhães e Sílvio Romero.

#### CELSO DE MAGALHÃES (1849-1879)

Isto posto, a primeira publicação sistemática dedicada ao romanceiro no Brasil se dá então pelo maranhense Celso de Magalhães, através da publicação em dez artigos no periódico quinzenal *O Trabalho*<sup>8</sup>, de Recife, durante o ano de 1873, onde apresenta fragmentos de 17<sup>9</sup> romances recolhidos ou ouvidos nos estados do Maranhão, Pernambuco e Bahia.

Os objetivos e metodologias aplicados no seu estudo são detalhados nas primeiras três edições do periódico, onde ele apresenta o tema e as considerações teóricas que o comporiam. Primeiramente indica que, apesar de achar importante um estudo abrangente que permeasse todas as fases da poesia popular brasileira, este seria inexecutável nesse

---

<sup>5</sup> Pretendemos analisá-lo num estudo futuro, assim que tenhamos a oportunidade de aceder a estas fontes.

<sup>6</sup> *Nau Catrineta* (IGR: 0457).

<sup>7</sup> Há dois ensaios que se dedicam a tratar este fato: *José Veríssimo e o Folclore*, de Vicente Salles, de 1971; e *Um romance tradicional entre índios do Amazonas, no século XIX*, de Braulio do Nascimento, em 1979.

<sup>8</sup> Disponível no repositório da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=827487&Pesq=&pagfis=1>. Acessado em 06/05/2021.

<sup>9</sup> Nascimento (1973, pp. 40-41) lista 17 fragmentos. A lista seguida de algumas considerações consta na 3ª parte deste trabalho.

momento, mas que ainda assim tentaria desenvolver uma contribuição analítica a partir dos romances por ele recolhidos.

Magalhães evidencia, também, a preocupação do tratamento com o objeto —a poesia popular— como característica profundamente íntima e sentida numa comunidade, engendradora na construção de um sentimento nacional. Como se vê no excerto:

Desde que começou á encarar a poesia como uma manifestação necessaria e fatal do genio de um povo, como a definição de sua indole, do seu character, como um documento de sua vida passada, da sua vitalidade, como uma necessidade finalmente, desde então procurou-se estudar com affinco e conscienciosamente todos os productos da inspiração anonyma de que o povo vae-se apropriando pouco a pouco, e d’ahi partio-se para marcarem-se leis e principios, sobre os quaes funda-se a formação poética do povo, sob cuja a influencia a poesia popular nasce, cresce e se desenvolve<sup>10</sup>. (Magalhães, 1873, abril 30, p. 12)

Este trecho apresenta também outra questão, ainda que de maneira subtil, quando se refere às “leis e princípios” que marcam a formação do povo. Este ponto remete ao enquadramento cientificista vigente do período, o do chamado Darwinismo Social, ou racismo científico.

Ainda antes de começar a apresentar os fragmentos de romances (que se iniciam na 4ª edição, de 31 de maio de 1873 do jornal), o autor desenvolve uma reflexão que tenta relacionar a produção literária com estas ditas leis —históricas ou naturais—, que hierarquizariam a produção cultural dos povos de acordo com o conceito defasado de raça. Assim sendo, ele justifica a exclusão da contribuição da produção cultural dos povos indígenas ou afro-brasileiros em detrimento da ibérica.

Estas concepções que remetiam às idéias de raça, já haviam aparecido no *Romanceiro Geral* de 1867, de Teófilo Braga, como aponta Pere Ferré:

Los nuevos filtros críticos que analizan la literatura como el producto de una herencia genética (la raza), de un espacio (la geografía) y de un momento (la historia), envuelven los análisis del romancero. Y de este modo se volcará Teófilo Braga sobre el romancero. (Ferré, 2006, p. 89)

Esta opção de seguir a concepção de Braga não é apenas sugerida pelas teorias em comum, até porque o Positivismo e seus desdobramentos teóricos foram relevantes para diversos pensadores, mas é explicitada pelo autor ao tratar da escolha da metodologia aplicada, em detrimento ao método interventivo preconizado por Garrett:

Seguimos, neste trabalho, a collecção de Theophilo Braga, como a mais completa e extreme de qualquer composição propria, o que não acontece com a de Garret, que ás mais das vezes é emendada e aperfeiçoada, ficando d’esse modo defeituosa. Garret muitas vezes troca palavras e mesmo idéias, como elle mesmo confessa, quando acha

<sup>10</sup> Nas citações retiradas da edição original do periódico de 1873, procurou-se manter a ortografia original utilizada.

que os ouvidos melindrosos podem chocar-se com os dizeres simples e rústicos do povo, com as palavras e phrases mais ou menos obscenas.

Si fizéssemos um trabalho de recreio e mera diversão, adoptariamos o methodo e as recomendações de Garret; porém, como assim não acontece, como este estudo tem por fim mostrar o que é verdadeiro, o que é peculiar ao povo, o que lhe é congênito, desprezamo-las [sic] de boa vontade, essas recomposições, tomando dellas sómente o que nos é necessário. (Magalhães, 1873, maio 31, pp. 27-28)

#### SÍLVIO ROMERO (1851-1914)

Dez anos depois, em 1883, foi publicada em Lisboa a primeira edição de *Cantos Populares do Brasil*, de Sílvio Romero. Uma compilação que, além de versões inéditas de romances que Celso de Magalhães tinha recolhido em Pernambuco, trazia também romances advindos de uma grande coleta empreendida pelo autor em Sergipe (seu estado natal), Pernambuco, Rio de Janeiro, em menor escala na Bahia e Alagoas, e ainda algumas versões do Ceará, publicadas pela primeira vez por Teófilo Braga<sup>11</sup>, além de outras fontes subsidiárias. No prefácio, redigido por Braga, lê-se:

O Brazil, cuja poesia tanto desvairou pela imitação do subjectivismo byroniano, e cuja Litteratura nascente se amesquinhou seguindo longo tempo o nosso atrasado romantismo europeu, só poderá achar o seu character original conhecendo e comprehendendo o elemento ethnico das suas tradições populares. (Braga *apud* Romero, 1883, p. X)

Romero tem um papel preponderante nas edições do romanceiro brasileiro, seguindo o critério de fidelidade do texto, também sob influência da metodologia de Teófilo Braga, com quem manteve alguma afinidade e contactos epistolares. Ao mesmo tempo que inflamou diversas polémicas ao longo de anos, que teriam iniciado justamente por discordâncias teóricas e políticas decorrentes desta publicação portuguesa supracitada (Paredes, 2006, p. 107).

Ainda segundo Paredes (2006, pp. 103-104), a polémica assumiria-se enquanto forma adotada para o relacionamento entre a intelectualidade luso-brasileira neste período.

A partir da segunda metade do século XIX, o prestígio dos conhecimentos propagados por Charles Darwin e seus seguidores, condicionados pelas idéias de “luta pela vida” (struggle for life) e pela “sobrevivência do mais apto” (the survival of the fittest), ajuda a compreender o ambiente intelectual que tinha na polémica sua forma privilegiada de manifestação. (Paredes, 2006, p. 104)

Para além da forma adotada, o conteúdo dos estudos de Romero contribuiu muito, não somente às pesquisas da “poesia popular”, mas também para a construção do pensamento cultural do Brasil do século XIX, num sentido mais abrangente. O autor sergipano foi um dos principais pensadores da chamada Escola de Recife, de 1870, ao lado de Tobias Barreto. Nela surgiu o ponto de rompimento de um pensamento tradicionalista vigente, tendo um trabalho essencial no que diz respeito ao pensamento sociológico e

---

<sup>11</sup> “As versões cearenses de O Cego, Juliana e Flor de Alexandria são de Teófilo Braga, que as recebera de Teixeira Bastos e publicara seis anos antes no Parnazo portuguez moderno” (Nascimento, 1973, p. 42).

folclórico brasileiro, além da importância da miscigenação como elemento formador da sociedade brasileira. E compreender os fundamentos deste pensamento acerca da cultura parece importante para compreender o papel da edição de romances no seu trabalho.

#### O FENÔMENO NACIONAL E A EDIÇÃO DE ROMANCES EM SÍLVIO ROMERO

No Brasil, a busca pela explicação do fenômeno nacional —enquanto formador identitário— assume um papel preponderante entre a intelectualidade do século XIX. É importante ressaltar que este era, neste período, um país com características marcantes que carregara até às vésperas da entrada ao século XX: um império monarquista e escravagista. E também era um país novo: obtivera a independência poucas décadas antes, em 1822, e, desde a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1838, se buscava compreender de qual forma se escreveria a história do Brasil e de seu povo. Afinal, diferentemente de outros países da Europa, entre os quais se conta o caso português, no Brasil tinha-se consolidado o Estado antes do conceito de Nação.

Esta procura atravessará quase um século, irá da obra de Francisco Adolfo de Varnhagen, *História Geral do Brasil* (1854-1857), à década de 1930 com a publicação de *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, e de *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda. E contará com o contributo de diversos ícones do pensamento social (Costa, 2006, p. 136). Mas um elemento estará sempre presente como característica principal: a mistura das três raças na formação do povo brasileiro.

Sílvio Romero desempenha um papel importante neste debate. Isto se dá a partir do seu envolvimento com a Escola de Recife, um dos expoentes da “Geração de 1870”. A partir desta ligação, os intelectuais desta geração estabelecem um discurso republicano e anticlerical, que desencadeia um processo de rompimento com as idéias românticas ditas ultrapassadas ao mesmo tempo que absorvem as tendências científicas e filosóficas advindas da Europa, para desenvolver a sua aplicabilidade na realidade brasileira. Segundo o próprio autor:

Um bando de idéias novas esvoaçou sobre nós de todos os pontos do horizonte. Positivismo, evolucionismo, darwinismo, crítica religiosa, naturalismo, cientificismo na poesia e no romance, folclore, novos processos de crítica e de história literária, transformação da intuição do direito e da política, tudo então se agitou e o brado de alarme partiu da Escola do Recife. (Romero *apud* Barreto et. al. 2019, p. 6)

Ainda que alguns pensadores divergissem quanto à relação que se deveria assumir entre as etnias, na visão de Romero identificamos o constructo da raça e da miscigenação como caráter definidor da sociedade.

Enquanto esta concepção foi o alicerce de sua teorização social, o evolucionismo foi uma das ferramentas-chave que permeou sua produção, e a cultura popular, que também sofreria influências da miscigenação, seria a última peça desta tríade que permitiria compreender a essência brasileira. Ou seja, em seu pensamento, a produção literária se mostra enquanto traço cultural essencial na construção histórica e cívica de uma nação (Barreto et. al. 2019, p. 10).

Sílvio Romero (1851-1914) foi, de fato, um dos que percebeu a importância de se considerar o meio e a raça como fatores internos que definiriam a realidade brasileira, isto a partir de uma certa contraposição à influência estrangeira que, no Brasil,

possibilitava uma imitação da cultura europeia, uma “adaptação inconsciente” (...). Em Romero, é importante ressaltar a existência de uma dupla dimensão dessa influência, haja vista que ele, por um lado, a considera importante e inevitável e, por outro, há um esforço evidente em traduzi-la para os dados da realidade nacional, especialmente ao enfatizar a necessidade de estudos privados relativos aos problemas locais (Costa, 2006, p. 142).

Condizentemente ao período e à mentalidade da época, esta influência evolucionista e determinista terminaria por se manifestar em conceitos como o de Darwinismo Social, intimamente ligada à eugenia e ao ‘racismo científico’ (Bolsanello, 1996, pp. 154-155), onde se acreditava numa hierarquização cultural, que privilegiava as raças “mais aptas” em detrimento das “menos evoluídas”.

No caso de Romero, ainda que ele não acreditasse no inatismo propriamente destes povos como vemos em outros pensadores, mas na mestiçagem como elemento que contribuiria para a emergência de um povo brasileiro, o racismo estava presente neste projeto de “branqueamento” da população e da cultura. É aí reside grande parte da crítica ao seu pensamento.

(...) para ele (Sílvio Romero), desse processo é que resultaria a dissolução da diversidade racial e cultural e a homogeneização da sociedade brasileira, de tal modo que ocorreria a predominância biológica e cultural branca e, conseqüentemente, o desaparecimento dos elementos não brancos (Costa, 2006, p. 145).

E nesta concepção arraigada na mestiçagem como ontologia nacional brasileira é que residiria o cerne do conflito teórico com Teófilo Braga, segundo Paredes (2006, pp. 117-118). Uma vez que a identidade do povo português também se daria da mestiçagem, neste caso do português moçárabe, como escreveu Braga, “tudo o que se disser sobre a mestiçagem racial brasileira terá, necessariamente, relação íntima com Portugal” (Paredes, 2006, p. 118), contrariando o postulado nacional de Romero.

Desta maneira —e nisso convergiam Braga e Romero—, o estudo da cultura popular seria o meio para identificar a singularidade do povo. E este estudo deveria se dar principalmente a partir da literatura, uma vez que esta exprimiria os fatores naturais e sociais do povo, como o clima e o processo de mestiçagem, e ditaria o sentido de progresso da humanidade. “A Literatura seria a prova factual do sedimentar étnico e moral das épocas que formaram as nacionalidades. Era sua âncora epistêmica” (Paredes, 2006, p. 115). Este estudo sobre a literatura deveria constituir-se como “produto do diálogo de tradições derivadas de uma nacionalidade que deve ser no futuro a representante, até certo ponto, de suas tradições” (Romero *apud* Costa, 2006, p. 146). E esta tradição originária à qual ele se refere, ainda que seja orbitada por pequenas influências indígenas e negras, é fundamentalmente advinda da tradição ibérica.

De certa forma, a mistura das origens dos três povos do Brasil, que agiriam na mestiçagem da população e em seu eventual branqueamento fenotípico, causaria efeito semelhante na tradição cultural. E o romancista tradicional de origem ibérica seria, a meu ver, o objeto cultural literário mais condizente com esta crença justamente pela sua origem, sua forma, seu suporte oral e suas variações dadas pelo povo que as transmite. Dito de outra maneira, o processo de assimilação, memorização e transmissão desta expressão cultural de origem europeia e caucasiana, contínua desde o século XVI, seria o que a transformaria em legitimamente brasileira e credenciaria esta expressão para representar ontologicamente este

novo projeto de Brasil. Esta concepção fica sugerida quando lemos as indicações dadas por Romero no início das três primeiras séries de *Cantos populares de Brasil* “Origens: Do português e do mestiço; transformações pelo mestiço” (Romero, 1883, pp. 1; 157; 186).

Apesar de estar mais bem estabelecida no pensamento de Romero, este pensamento não era uma exclusividade sua, como nota-se também na apresentação do estudo de Celso de Magalhães que citamos antes. Está lá presente a preocupação de que o estudo da poesia popular brasileira não seja uma mera “transplantação do Romanceiro Português para o nosso país” (Magalhães, 1973, p. 32).

Em Magalhães, como já vimos, além da desqualificação das contribuições que as outras etnias poderiam ter dado para a construção da tradição literária<sup>12</sup>, a fim de legitimar a europeia, encontramos também a aplicação do seu juízo de valor quanto às versões de romances brasileiros. Como quando comenta que uma variação do romance “Dom Barão” (*La Doncella Guerrera*, IGR: 0231) apresenta a introdução de um elemento “chulo” que “apesar de brasileiro, torna-o destoante e fal-o menos nobre” (Magalhães, 1873, maio 31, p. 28).

#### OS TEMAS DE ROMANCES EDITADOS NO SÉCULO XIX

Consideramos que algumas ponderações quantitativas trazidas pela obra de Braulio do Nascimento valem ser revisitadas e tratadas, à guisa de atualização ou mesmo de esclarecimento, na esteira desta panorâmica sobre os primórdios da edição do romanceiro ibérico no Brasil.

O século XIX encerra com uma pesquisa proeminente sobre o romanceiro, ainda que decorrida em pouco menos de 30 anos. Nascimento (1973, pp. 40-42) lista em seu estudo 17 fragmentos de temas identificados na obra de Magalhães e mais 17 temas da obra de Romero, recolhidos em sete estados, majoritariamente na região nordeste do Brasil no Maranhão, Bahia, Pernambuco, Ceará e Sergipe, além da região sudeste, no Rio de Janeiro, e a região sul, no Rio Grande do Sul.

#### O CONTRIBUTO DE CELSO DE MAGALHÃES

Lembro que, referente à publicação de Celso de Magalhães de 1873, Braulio do Nascimento considera que este estudo pioneiro apresenta-nos 18 versões de um total de 17 temas de romances<sup>13</sup>. Listo-os a seguir com o nome vulgar atribuído por Magalhães, seguido do número do *Índice General del Romancero* (IGR):

“Dom Barão” (*La doncella guerrera*, IGR: 0231), “Gerinaldo” (*Gerinaldo*, IGR: 0023), “A noiva roubada” (*La Vuelta del Navegante*, IGR: 0559), “A Infanta de França”, “Silvana” (*Delgadina*, IGR: 0075), *Bernal Francês* (IGR: 0222), “Dom Pedro” (*La mala suegra*, IGR: 0153), “Casamento e Mortalha” (*Muerte del príncipe don Juan*, IGR: 0006), “Nau Catherineta” (*Nau Catrineta*, IGR: 0457), “Conde Alberto (Conde Yano)”, “Conde de Alemanha” (*Conde Alemán*, IGR: 0095), “Dom Carlos de Montealbar” (*Conde Claros en hábito de fraile*, IGR: 0159), “Passo de Roncesval” (*Pérdida de don Beltrán*, IGR: 0150) “A moreninha” (*Ronda a una Mujer Malcasada*, IGR: 0167), “Branca-flor” (*Hermanas reina y cautiva*, IGR: 0136), “Juliana” (*Veneno de Moriana*, IGR: 0172) e “Flor do dia” (*Casada de lejas tierras*, IGR: 0155).

<sup>12</sup> “Que o índio nenhuma tradição nos legou é fato sabido e não carece de prova. Ninguém o lamenta, á esse fato, e só um ou outro procura fazer renascer esse anachronismo”. (Magalhães, 1873, abril 30, p. 13).

<sup>13</sup> Uma versão de cada, com exceção de *Nau Catrineta* (IGR: 0457), com uma versão do Maranhão e uma da Bahia.

A despeito da lista de Nascimento, os temas “A infanta de França” e “Conde Alberto (Conde Yano)”, são apenas sugeridos pelo autor: não há sequer um hemistíquio editado na publicação. Exatamente por esta razão, por não se traduzirem em conteúdo textual, não trazem uma identificação do IGR associada, e não foram contabilizadas no estudo *Subsídios para o arquivo do Romancero do Brasil* (Belmonte, 2020), que buscou reunir o corpus do romancero tradicional editado no território brasileiro.

Em contrapartida, na apreciação realizada na obra, além dos dados por Nascimento, foi identificado um fragmento de “D. Aleixo” (*Don Alejo Muerto por Traición de su Dama*, IGR: 0546), que consta numa nota de rodapé do texto original (Nascimento, 1973, p. 59). Outra ampliação é dada pela edição empreendida por Braulio do Nascimento d’*A poesia popular brasileira*, de 1973, que consta nos anexos, além do texto integral das versões de *Hermanas reina y cautiva* (IGR: 0136) e de *Casada de lejas tierras* (IGR: 0155), uma versão de *Conde Claros preso* (IGR: 0366), também nomeada de “D. Carlos de Montealbar” (Magalhães, 1973, pp. 99-100) que foi coletada por Celso de Magalhães mas somente publicada posteriormente, por Sílvio Romero, a partir do acesso que obteve a manuscritos que hoje são considerados extraviados.

#### O CONTRIBUTO DE SÍLVIO ROMERO

Da publicação de Romero, Braulio do Nascimento lista também 17 temas. São eles: “Dona Infanta/Os sinais do marido” (*Vuelta del Marido*, IGR: 0113), “A noiva roubada/A boda interrompida” (*La Vuelta del Navegante*, IGR: 0559), *Bernal Francês* (IGR: 0222), “Dom Duarte e Donzilha/ Conde Niño” (*La novia abandonada*, IGR: 0720), “D. Maria e D. Arico/ Dom Aleixo” (*Don Alejo Muerto por Traición de su Dama*, IGR: 0546), *Conde Alberto/ Conde Yano* (*Conde Alarcos*, IGR: 0503), “D. Carlos de Montealbar/ Claralinda” (*Conde Claros preso*, IGR: 0366), “Dona Branca/Dona Lisarda” (*Conde Claros en hábito de fraile*, IGR: 0159), “O Casamento malogrado” (*Muerte del príncipe don Alfonso de Portugal*, IGR: 0069), “Nau Catarineta” (*Nau Catrineta*, IGR: 0457), “Iria-a-fidalga / Santa Iria” (IGR: 0173), “Flor do dia/ D. Bozo” (*Casada de lejas tierras*, IGR: 0155), “A Pastorinha/ Linda a pastorinha” (*La pastora probada por su Hermano*, IGR: 0453), “Florioso/ A conversada da fonte”, “O cego” (*El ciego raptor*, IGR: 0189), “Juliana/ Juliana e D. Jorge” (*Veneno de Moriana*, IGR: 0172), “Flor de Alexandria/ Rainha cativa” (*Hermanas reina y cautiva*, IGR: 0136).

Destes temas, a maioria conta com apenas uma versão, com exceção de *Conde Claros preso* (IGR: 0366), *Nau Catrineta* (IGR: 0457), *El ciego raptor* (IGR: 0189), *Veneno de Moriana* (IGR: 0172) com duas versões cada, e *Hermanas reina y cautiva* (IGR: 0136), com três versões. Algumas destas são as mesmas versões recolhidas e editadas por Celso de Magalhães<sup>14</sup>.

A partir de uma análise desta obra, foram identificadas algumas discrepâncias, se compararmos com a lista apresentada por Nascimento. Primeiramente, expurguei do meu estudo o poema “Florioso” (1883, pp. 29-30), pois não se caracteriza como romance de matriz ibérica (Belmonte, 2020). Também foram identificados fragmentos do romance *Nau Catrineta* (IGR: 0457) na cantiga “Os Marujos” (Romero, 1883, pp. 159-160), que compõe a “Segunda Serie” da obra, que já não seria destinada a “romances e xácaras” como a primeira, mas sim aos folguedos de “reinados e cheganças”.

Foram encontrados mais dois romances entre os textos da “Quarta Série”, destinada a orações e parlendas, que compõem o segundo volume da obra. São eles “A Nossa Senhora” (*El cordón de la virgen*, IGR: 0236) e “A Senhora da Aparecida” (*La virgen camino del calvário*,

---

<sup>14</sup> São elas: *Casada de lejas tierras* (IGR: 0155), *Veneno de Moriana* (IGR: 0172), *Hermanas reina y cautiva* (IGR: 0136) recolhidas e publicadas por Magalhães no periódico de 1873, além de *Conde Claros preso* (IGR: 0366), que, como referido, fora coletado pelo pesquisador, embora sem nunca chegar a publicá-lo.

IGR: 0042.1), romances de temas religiosos recolhidos no Rio de Janeiro (Romero, 1883a, pp. 123-125).

#### OS TEMAS EDITADOS NO BRASIL NO SÉCULO XIX EM COMPARAÇÃO COM OS DE PORTUGAL: ALGUNS DADOS

Se compararmos com as obras portuguesas, que, segundo Nascimento, já circulavam pelo Brasil e influenciaram sua produção editorial, podemos identificar que 16 dos temas de romances editados nestas obras de Magalhães e de Romero já haviam aparecido em ambas obras portuguesas anteriormente referidas: a de Almeida Garrett, de 1851, e a de Braga, de 1867. São estes: *Gerineldo* (IGR: 0023); *La Vuelta del Navegante* (IGR: 0559); *Bernal Francés* (IGR: 0222); *La mala suegra* (IGR: 0153); *Muerte del príncipe don Juan* (IGR: 0006); *Nau Catrineta* (IGR: 0457); *Conde Alemán* (IGR: 0095); *Conde Claros preso* (IGR: 0366); *Pérdida de don Beltrán* (IGR: 0150); *Ronda a una Mujer Malcasada* (IGR: 0167); *Hermanas reina y cautiva* (IGR: 0136); *Conde Claros en hábito de fraile* (IGR: 0159); *Vuelta del Marido* (IGR: 0113); *Conde Alarvos* (IGR: 0503); *El Ciego Raptor* (IGR: 0189) e *Don Alejo Muerto por traición de su dama* (IGR: 0546).

Além destes, há também dois temas que constavam na obra de Braga exclusivamente: *Delgadina* (IGR: 0075)<sup>15</sup> e *Santa Iria* (IGR: 0173)<sup>16</sup>; e outros três temas que já constavam na obra de Garrett, exclusivamente: *La Doncella Guerrera* (IGR: 0231), *La novia abandonada* (IGR: 0720) e *La pastora probada por su hermano* (IGR: 0453). Ainda que neste último, diferentemente da versão editada por Garrett (1851, pp. 187-189), nomeada *Linda-a-pastora*, na versão brasileira sergipana o personagem masculino se identifica como irmão da pastora.

E há, finalmente, aqueles temas que se apresentam pioneiros (ou cujas probabilidades de terem sido influenciados em coleções portuguesas são bastante diminutas) pelas mãos destes editores brasileiros. Aparentemente é este o caso dos temas *Casada de lejas tierras* (IGR: 0155), *Muerte del príncipe don Alfonso de Portugal* (IGR: 0069), *El cordón de la virgen* (IGR: 0236), *La virgen camino del calvario* (IGR: 0042.1), e, talvez o caso mais emblemático, *Veneno de Moriana* (IGR: 0172).

Vejam os casos com atenção. *Casada de Lejas Tierras* (IGR: 0155) havia sido editado em Portugal por António Reis Dâmaso, na obra *Tradições populares (Colecção do Algarve): Romances de 1882*<sup>17</sup>, da qual não se tem indicação que tenha chegado ao Brasil neste período. E *Muerte del Príncipe don Alfonso de Portugal* (IGR: 0069) foi publicada numa outra obra de Teófilo Braga, *Cantos Populares do Archipelago Açoriano*, de 1869. A versão brasileira não aparenta ter, contudo, qualquer relação textual com a açoriana.

Os temas religiosos constavam poucas vezes nas listas de romances de editores do século XIX no Brasil, como vimos. Dois dos temas identificados, *El cordón de la virgen* (IGR: 0236) e *La virgen camino del calvario* (IGR: 0042.1) não estavam no capítulo destinado a romances, mas no reservado às orações, na obra de Romero. Mas esta lacuna nas publicações não indica escassez dos temas entre a população brasileira; pelo contrário, em estudo recente identificamos que “entre os 26 eixos temáticos<sup>18</sup>, o mais popular no Brasil é o U- Religiosos,

<sup>15</sup> Na versão publicada por Garrett, *Delgadina* surge apenas em contaminação com *Silvana* (IGR: 0005), tratando-se, pois, de outro modelo de romance.

<sup>16</sup> Outro caso em que Garrett conhecia o romance, pois surge uma versão deste inserida na obra *Viagens na minha terra*, de 1846, embora não conste do *corpus* publicado no *Romanceiro*.

<sup>17</sup> Cf Arquivo do Romanceiro em Português: <https://arquivo.romanceiro.pt/romanceiro-portugues#b143>. Acedido em 2/12/2021.

<sup>18</sup> Os eixos temáticos usados no estudo são os propostos no sistema de Samuel G. Armistead, em que se arrumam os romances em 26 grupos, um para cada letra do alfabeto. Neste esquema, os temas religiosos são identificados com a letra U.

que, diferente dos demais, que apresentam entre um e quatro romances, é composto de 11 diferentes” (Belmonte, 2020, p. 77). Fica cada vez mais evidente a necessidade de uma pesquisa aprofundada do corpus religioso do romancista do Brasil.

Já o tema *Veneno de Moriana* (IGR: 0172) tem uma especial importância no quadro cultural brasileiro. Primeiramente por ser um tema identificado no Brasil, teoricamente em data tão recuada como 1853, pela pena de Inácio Raposo, antes mesmo do que na tradição continental portuguesa, fato reconhecido por Teófilo Braga, no prefácio dos *Cantos populares*, de 1883, e por Carolina Michaëlis de Vasconcelos, nos *Estudos sobre o romancista peninsular: Romances velhos em Portugal* (Nascimento, 1973, p. 41). Nascimento chega a afirmar que “A primeira versão lusitana seria dada a conhecer em 1886 – treze anos depois da versão pernambucana de Celso de Magalhães – por Leite de Vasconcelos, numa lição coletada em Campo de Vitoras, concelho de Vimioso, em agosto de 1883” (Nascimento, 1973, p. 41). No entanto, sabemos que outra versão açoriana de S. Miguel foi apenas, em 1883, aos *Cantos Populares do Brasil*, motivo pelo qual a informação acima transcrita de Nascimento não é totalmente precisa e deve ser revista, apesar de não beliscar a prioridade brasileira na edição deste romance.

E não somente por anteceder a recolha da versão lusitana, este tema tem uma importância quantitativa. Diferentemente do que afirmou Celso de Magalhães (1873, junho 15, p. 37), que “nenhum é mais sabido” do que a *Nau Catrineta*, o romance *Veneno de Moriana* é até hoje o mais encontrado no Brasil. Em estudo prévio identificamos (ainda provisoriamente) 142 versões, depois, com menos da metade, vem *El ciego raptor* (IGR: 0189) com 68 versões, seguido de *Conde Alarcos* (IGR: 0503), com 48 versões (Belmonte, 2020, p. 74).

*Veneno de Moriana* (IGR: 0172) é também o tema de romance mais difundido e distribuído no território brasileiro, estando presente em pelo menos doze estados diferentes segundo pude apurar na investigação que realizei até o momento<sup>19</sup>. Terá sido integrado na memória brasileira a partir de Portugal, em data aparentemente recuada, mas desconhecida. Nela frutificou e ganhou um protagonismo inaudito no panorama editorial romancístico do século XIX, espelhando já o êxito proeminente que o gosto da tradição oral do Brasil atribuiu a este romance de mulheres matadoras. Seguidamente, temos a *Nau Catrineta* (IGR: 0457), em dez Unidades Federativas, e *Conde Alarcos* (IGR: 0503), em nove delas (Belmonte, 2020, p. 77).

Vale ressaltar, por fim, que entre os diversos nomes correntes atribuídos à essas 142 versões de *Veneno de Moriana*, aparecem principalmente “Juliana” ou “Juliana e Dom Jorge”, como vimos nas obras de Celso de Magalhães, Sílvio Romero e Braulio do Nascimento, ao passo que em nenhuma delas consta a classificação internacional pela qual se identifica o romance na Península Ibérica, *Veneno de Moriana*.

## NOTAS FINAIS

O que se pretendeu realizar neste breve estudo foi buscar alguns elementos que possam de alguma maneira complementar uma análise tão bem desenvolvida como a levada a cabo

---

<sup>19</sup> São os estados: Espírito Santo, com 41 versões; Bahia, com 33 versões; Sergipe, com 21 versões; São Paulo, com 19 versões; Alagoas, com nove versões; Maranhão, com cinco versões; Minas Gerais e Pernambuco, com quatro versões cada; Ceará e Santa Catarina, com duas versões cada; Mato Grosso e Rio de Janeiro, com uma versão cada.

por Braulio do Nascimento acerca dos primeiros anos da pesquisa do romancelheiro tradicional ibérico no Brasil.

Para isso, nos focamos em dois pontos principais: primeiramente em esboçar uma epistemologia da prática da edição de romances no Brasil, a partir da figura de seus protagonistas Celso de Magalhães e Sílvio Romero, ou seja, em analisar suas obras e buscar compreender o pensamento científico plasmado na produção intelectual de fins do século XIX. E, posteriormente, em desenvolver uma análise dos temas do corpus romancístico brasileiro em comparação com o de Portugal em período coevo, ainda que, objetivamente, tentando contribuir com alguns novos elementos que complementassem a apreciação de Nascimento.

A concepção de que a poesia popular está amalgamada à natureza de um povo e que a sua produção literária comporia os traços culturais determinantes de uma sociedade não era recente. Pelo menos desde meados do século XVIII este debate era conduzido por intelectuais como Hegel, Herder e os irmãos Grimm (Menéndez Pidal, 1968, pp. 16-19). No século XIX, em Portugal, Garrett encabeça os trabalhos de um programa romântico-nacionalista de revitalização da literatura portuguesa, que iniciam pioneiramente as pesquisas do romancelheiro tradicional ibérico.

Por seu turno, no Brasil, as tradições poéticas orais também contribuiriam como uma das principais ferramentas para respaldar o discurso formador das tradições identitárias, porém, diferentemente do caso lusitano, o conceito de Estado se estabelecera antes do que o de Nação. Dessa maneira, as edições de romances tradicionais ibéricos se iniciam, do outro lado do atlântico, em fins do século XIX sob influência da produção científicista e positivista de Teófilo Braga. Nesse momento a produção intelectual está afinada na produção de um fenômeno nacional brasileiro, ou seja, em compreender a essência e a singularidade do povo brasileiro, e estabelecer os projetos vindouros da nação. Neste sentido, e sob forte influência do pensamento eugenista e do racismo científico, intelectuais como Sílvio Romero dedicam-se a elaborar uma produção cultural, a partir da tradição literária, que definisse estes parâmetros. Assim, a surgente edição do romancelheiro tradicional ibérico do Brasil se alinharia com o também recente pensamento científico. Provinha de uma origem ibérica, mantinha o caráter popular e passaria por um processo de assimilação, adequação e transmissão pelo próprio povo brasileiro miscigenado, o gênero estaria, assim, apto a ser uma representação genuína da cultura brasileira. De certa forma seria um paralelo, no âmbito cultural, do objetivo que Romero tinha para o âmbito racial e social do Brasil.

A comparação entre o panorama editorial brasileiro e português deste período, partindo de uma análise bibliográfica, à qual, segundo Nascimento, os pesquisadores brasileiros provavelmente tiveram acesso, se dá afim de lançar dados que auxiliem a compreensão do curso criativo que os temas assumem em cada país.

Sem dúvida, o caso mais notável é o do romance *Veneno de Moriana* (IGR: 0172), o tema com significativamente mais edições publicadas no Brasil, que é reconhecidamente recolhido e publicado em Pernambuco anos antes da primeira recolha em solo português. Evidentemente, estes dados compõem um primeiro passo num universo bastante mais alargado, que demandará um trabalho analítico acerca das variantes, suas origens e seu ciclo editorial.

É interessante, também, observarmos o fato de que os romances de temas religiosos, ainda que muito presentes em publicações desde o século XIX, passassem quase despercebidos nas pesquisas do período, relegados às páginas de orações de origem desconhecida.

Finalmente, pretendemos contribuir, sob uma perspectiva renovada, para o estudo da edição do romanceiro tradicional ibérico no Brasil, ao empregar uma análise historiográfica em conjunto com uma análise quantitativa. Desse modo, ao alinhar uma correlação do aspecto metodológico da edição dos romances —critérios de transcrição, seleção de temas e discursos que enquadram as diversas obras que estampam versões brasileiras de romances de matriz ibérica— com a análise do contexto e formação intelectual dos editores desta primeira fase e a sua produção editorial, podemos estabelecer fundamentos que nos permitirão compreender, na continuação deste estudo, o plural e heterogêneo panorama da divulgação do romanceiro ibérico no Brasil.

#### BIBLIOGRAFIA CITADA

- ARP: *Arquivo do romanceiro em Português*. Acedido a 2/12/2021, de <https://arquivo.romanceiro.pt/>
- Barreto, C. M., Magalhães, A. S., Souza, E. C. e Lima, L. E. A. (2019). *O Polêmico Sívio Romero* (Trabalho de conclusão de graduação não publicado). Universidade Tiradentes, Aracaju - Brasil.
- Belmonte, B. (2020). *Subsídios para o arquivo do romanceiro no Brasil* (Dissertação de Mestrado não publicada). Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve – Portugal.
- Bolsanello, M. A. (1996). Darwinismo social, eugenia e racismo “científico”: sua repercussão na sociedade e na educação brasileiras. *Educar, Curitiba, n.º 12*, Editora da UFPR, 153-165.
- Costa, J. C. de C. (2006). Sívio Romero e a “idéia das três raças”: uma hermenêutica do nacional a partir da categoria miscigenação. *Cronos, Natal-RN, v.7, jan./jun.*, 135-149.
- Ferré, P. (2006). *Etapas en la edición del Romancero potugués*. Madrid: Editorial Complutense. Recuperado de <https://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/2927>
- Ferré, P. (2008). *O Romanceiro em Portugal (1960-2007)*. Center for Portuguese Studies, University of California at Santa Barbara.
- Ferré, P. (2020). Algumas notas a propósito de «Processos de variação» de Braulio do Nascimento. In S. Boto, J. A. Cid, P. Ferré, (Coords.) *Viejos son pero no cansan: Novos estudos sobre o romanceiro* (pp. 61-75). Coimbra-Madrid-Faro-Lisboa.
- Fontes, M. da C. (1994). O Romanceiro Brasileiro. Pequeno catálogo. *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares, XLIX. 1*, 221- 249.
- Garrett, J. B. da S. L. de A. (1851). *Romanceiro*, II, Lisboa: Na Imprensa Nacional.
- Magalhães, C. (1873, abril 15). A poesia popular brasileira. *O Trabalho*, 3-4.
- Magalhães, C. (1873, abril 30). A poesia popular brasileira I. *O Trabalho*, 12-13.
- Magalhães, C. (1873, maio 31). A poesia popular brasileira III. *O Trabalho*, 27-29.
- Magalhães, C. (1873, junho 15). A poesia popular brasileira IV. *O Trabalho*, 35-37.
- Magalhães, C. (1973). *A poesia popular brasileira*. Rio de Janeiro: Divisão de publicações e divulgação.

- Menéndez Pidal, R. (1968). *Romancero Hispánico. Hispano-portugués, americano y sefardí*. (2ª ed.). Madrid: Espasa-Calpe, S. A.
- Nascimento, B. (1973). Um século de Pesquisas do Romancero Tradicional do Brasil. *Revista Brasileira de Cultura*, nº 17. Julho/Setembro, 37-54.
- Nunes, M. M. (2020). Interfaces entre a poesia épica, o romance e o romancero em paratextos do século XIX. *Ver. Bras. Lit. Comp. Niterói*, v. 22, n. 40, mai./ago., 84-103.
- Paredes, M. de M. (2006). A Querela dos Originais: notas sobre a polémica entre Sílvio Romero e Teófilo Braga. *Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, Edição Especial*, n. 2, 103-119.
- Romero, S. (1883). *Cantos Populares do Brazil, acompanhados de introdução e notas comparativas por Theophilo Braga*. (1ª ed., Volume I). Lisboa: Nova Livraria Internacional.
- Romero, S. (1883a) *Cantos Populares do Brazil, acompanhados de introdução e notas comparativas por Theophilo Braga*. (1ª ed., Volume II). Lisboa: Nova Livraria Internacional.
- Salles, V. (1971). José Veríssimo e o Folclore. *RBFo*.